



CARRIS-LITTERARIOS

(TRACÇÃO ESCRIPTA—NOVO SYSTEMA DE TRANSPORTES)

*52
552x*
SOB A DIRECCÃO DE TRES ENGENHEIROS HYPOTHETICOS EM UM SO' FALSIFICADO
Viagens pilhericas, recreativas e humoristicas

TRAJECTO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE BAPTISTA NUNES

SEMESTRE . . \$5000

Cæsari quod Cæsari**DESVIO**

ESRIPTORIO DA COMPANHIA

**CARRIS-LITTERARIOS****Semestre . . 2\$000
Com porte. . 2\$500**Assigna-se na typ. do
Vassourense, — Vassouras

Pagamento adiantado

= =

NO PORTAL

Baptista Nunes continua a ser o unico responsável de todos os enfeites criticos que ornão os nossos carros, e muito principalmente daquelles que trazem os pseudonyms: JOHN BAPTATIS, BATON NESUN e JONJOCÀ BORE', dignos rebentos do seu não menos digno tronco.

BITOLA ESTREITA

VIA-DIRECTORA

O DITO POR NÃO DITO

A pedido de diversas familias, (chapa n. 3,333) deliberamos não suspender as nossas apraziveis viagens, conforme declararamos no nosso carro n. 47, e sim publicar o nome dos passageiros que se achão em atraso com esta empreza, causa principal do desgosto que iamos dando aos nossos pontuaes viajantes.

Quem não quizer passar por esse dissabor, queira vir até o dia 30 do corrente, quitar-se connosco.

Com o numero proximo principiamos o 2º semestre deste anno.

Os passageiros que quizerem continuar a embarcar nos *Carris-Litterarios*, vão botando no fundo do bahú uma cedula de 2\$000, para com ella mimoseiar-nos quando lhes apresentarmos o competente recibo.

Esperamos merecer a mesma protecção que até aqui nos têm dispensado os srs. viajantes e pedimos-lhes que qualquer falta de regularidade havida na entrega destes carros, hajão de reclamar a esta empreza.— Os tres.

VIA-LOCAL

Acha-se gravemente enferma uma filhinha do sr. dr. Zamith.

Fazemos voto pelo seu restabelecimento.

Ridendo castigat mores

PEDE O GULOSO...

Com quanto seja costume em quasi toda a parte o annunciar-se a hora de recolher por meio de um sino a dobrar, não nos podemos acostumar ao nosso, (referimo-nos ao sino) visto ser o mesmo que dobra a finados.

O dobre por qualquer individuo que morre já é um habito que devia ser abolido, pois denota falta de caridade com as pessoas gravemente enfermas, cujo badalar impressiona ainda mais do que o seu estado o permite.

E' um egoismo mal entendido: prestar homenagem tão bulhenta a quem nada mais precisa deste mundo com prejuizo dos que padecem; mas emfim, como é habito enraizado...

Não está, porém, no mesmo caso o dobre das dez horas; para esse ha remedio, e o sr. dr. delegado de policia se quizer, pôde applical-o, livrandonos assim de ouvir todas as noites à hora de deitar, dobrar a finados.

Esse signal pôde ser dado pelo sino maior que o costumado, ou pelo mesmo, mas por meio de 9 ou 10 baladas fortes sómente. Em uma cidade pequena como esta, é o bastante para ser ouvido.

Faca-nos este obsequio o sr. dr. delegado de policia, e afiançamos-lhe que muita gente o applaudirá.

&

Acha-se nesta cidade uma companhia dramatica que pretende dar alguns spectaculos no theatro que bem se pôde chamar — Vergonha vassourense.

Que não nos julgue pelo mesmo, e que seja recompensada do sacrificio que faz, trabalhando em theatro tão chue, é o que desejamos.

&

Desde que abrimos o nosso escritorio até que o fechamos somos inundados de interrogações!

Velhos, moços, senhoras, crianças se sucedem a perguntar-nos qual o dia da inauguração da ferro-via vassourense.

Por mais que o John declare nada termos com isso, é debalde; as perguntas chovem sem cessar, e só se ouve:

— Sr. John, quando é a inauguração?

— Sr. Jonjoca, a inauguração faz-se, ou não?

— Sr. Baton, ha festança, ou é a capucha, a inauguração?

O John godemeia, o Jonjoca pragueja, e, caso estupendo! o Baton foge ás *cacetadas*!

Que secca! Dirijão-se á Companhia, a unica que os pôde satisfazer.

&

A falta d'agua continua a sentir-se em diversas casas.

Chamamos a attenção do Altissimo com sua bomba celeste.

VIA-POETICA



BELLEZA ANTIGA

*... mais quel œil peut la voir
Sans pétiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?*

ANDRE' CHENIER.

Eu te saúdo, ó genio da beleza!
O' formosa mulher encantadora!
Tu és entre as mulheres a princesa,
Nenhuma é como tu tão tentadora!

E' tão explendorosa e seductora
A tua formosura e gentileza,
Que a nossa phantasia sonhadera
Cae sob o peso de uma tal grandeza!

Ao ver-te, a multidão cheia de pasmo,
N'um mar de acclamações, d'enthusiasmo,
Segue teus passos, ó mulher divina!

E chega aos teus ouvidos, à surdina,
O borborinho de milhares d'almas
Que vêm-te a fronte coroar de palmas!

JORGE PINTO.

UM POEMA

O céo é um poema escripto
Com caracteres de luz!
Ha nesse azul de granito
Letras que ninguem traduz!

Quanto mysterio e belleza
Nessas estrellas divinas!
Só Deus em sua grandeza
Faz obras tão peregrinas!

Em ampla tela azulada,
Como obra prima do céo,
Venus de luz inundada,
Mostra-se núa, sem véo!

Campêa silenciosa,
Com venus bella a seu lado,
A lua sempre formosa,
N'um céo de anil estrellado!

A' noite, o céo com seu manto
Luzente de pedrarias,
Tem a magia, o encanto
Das cordiaes alegrias!

E Deus, o divino Autor,
Ahi no céo se revela:
Quer desse manto na cõr,
Quer no brilhar d'uma estrella!

DR. A. C. DE MACEDO.

Junho de 1884.

VIA-RECREATIVA



LOLA

(OUTRO FRAGMENTO DA CARTEIRA DE
UM POETA LYRICO)

Ahi vão algumas opiniões que eu gostosamente registro no meu *carnel* de impressões de humilde entusiasta do bello:

« O seu halito envenena, o seu olhar abate, o seu sorriso é percutiente como a ponta aguda de um estilete.

Amigo da mocidade como sou, e não desejando que ella se perca e não cumpra os seus deveres, vejo-me obrigado a formular, qualquer dia, contra ella, um tremendo libello acusatorio. Farei bem?

A. F.

* * *
« Ao ver-lhe o busto explendorosamente formoso minh'alma banha-se em cascatas de luz e sinto-me o poeta de outr'ora. Eu, que já pedi beijos á *Tuquita*, contento-me em supplicar a ella um só dos seus sorrisos. »

L.

* * *
« Ao devisar aquelle rosto seductor e faceiro, sinto impetos de despir o meu immenso *croiset* e vestir um curto e elegante *frak* inglez. »

F. S.

* * *
« Eu que vivo a escrever pilherias para summo gaudio da burguezia e que cubro-me com uma cartola, o mais afilado canudo conhecido e por conhecer, ao enfrentar-me com ella, far-me-hia poeta chora-mingas para mendigar-lhe a esmola de um olhar e aposentava a cartola por um elegante chapéo baixo. »

B. N.

* * *
« Um só dos seus sorrisos tem muito maior valor que a virtude ante-darthrosa da suma, da salsa, ou da japecanga. »

J. S.

* * *
« Essa mulher tem muito mais viço e frescor do que aquella rosa descripta por Chenedollé! »

R.

* * *
« Eu que vivo a adorar a Republica e o Jorge Pinto e a esperar a Monarchia nos bicos da minha penna, ao ver esse porte divinal, explendoroso e bello, sinto impetos de encaixal-os em meia duzia de smetos e de impingir-lhe outra tanta quantidade de synonimos. »

C. de M.

* * *
« Eu, que sou *urubú-rei* entre os liberaes, por pedido seu far-me-ia até cabula dos conservadores. »

C.

* * *
« Nós, cuja fama de tremendos e endurecidos *cacetes* já tem percorrido Secca e Meca e Olivaes de Santarém, ao recebermos os raios luminosos do seu olhar, nos metamorphoseamos em doux molles tallos de couve. »

C. B. e J. de S.

« Só para conquistar-lhe um sorriso eu era capaz de ir á pé duas vezes n'um dia a Sacra-Família. »

A. L.

Está conforme.

PULCINO.

— :: —

OUTR'ORA E HOJE

N'outras eras, nos tempos já passados,
Os costumes e leis erão diffrentes;
Pergaminhos e honras de valentes
Erão sempre com honra conquistados.

Se bandidos havia, erão julgados
Por juizes honestos e prudentes.
Votavão-n'os á cruz, e a turba, as gentes,
Lá os vião na cruz dependurados.

Hoje, porém, no seculo das luzes,
Ao merito real dá-se o despeso
E aos bandidos nomeia-se barões.

Os ladrões era infame ver nas cruzes;
Mas é mais nobre, agora, e de mais peso
Ver as cruzes no peito dos ladrões.

AMBROSIO PASMADO.

— :: —

LUCILIA

(CATULLE MENDÉS)

Eu estava a procurar o ultimo verso de uma canção; aquella que me inspirava então, era Lucilia! A alma sonhadora e com a boca entreaberta, eu pensava muito mais na musa que no poema, muito mais em Lucilia que na canção.

Clic! clac! eu reconheci seu passo, flou! flou! e o ruido de seu vestido. Ella entra toda perfumosa. Que fazias tu, caro amor? — Eu estava a procurar o ultimo verso d'uma canção.

Depois que assim fallei, eu senti sobre a minha fronte a frescura de seus labios escarlates, iguaes à neve que fosse vermelha; e, subitamente, o meu poema estava acabado, porque quem me inspirava então, era Lucilia!

« Tu me amas? » murinurei, e, ao mesmo tempo, eu mordicava a rosea unha de seu níveo pollegar. « Não te amo mais, » disse-me ella, sem rodeio. A esta resposta, eu fiquei sem voz, a alma sonhadora e com a boca entreaberta.

Clic! clac! Flou! flou! Lucilia tinha partido! Para esquecel-a, quiz fazer verso; mas não pude porque uma grande melancolia estrangulava-me a alma, e eu pensava muito mais na musa que no poema, muito mais em Lucilia que na canção!

J. P.

A MULHER

A' BAPTISTA NUNES

Minhas queridas leitoras: — Estimarei que estas toscas palavras as encontrem embaladas pelos zephiros, e haurindo o mellifluo perfume das rosas que ornão os jardins da poetiva cidade de Vassouras!

Ha seis annos minhas leitoras, que tenho visto cahir em volta de mim porções bem caras á minh'alma; porém, soffro e estou soffrendo resignado.

« Não sou forte em elegias, nem costumo pulsar a lyra á sombra esguia dos funeraes cyprestes como fazem alguns poetas nossos conhecidos; não, tenho a morte no coração e todos me vêem a alegria nos olhos. »

Porém, hoje descrevendo a mulher, duas lagrimas silenciosas se me deslizão pelas faces, lembrando-me de minha mãe, que muitas vezes ao beijar-me dizia — filho — seu estendendo-lhe meus debeis braços balbuciava — mãe!

Ah! a mulher é um anjo de amor e de bondade que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na tela da vida; a voz que nos anima quando desacorocoados, o seio onde ponzamos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enhuga as lagrimas corrosivas do desespero nas horas do sofrimento, que nos alivia as magoas, e redobra os nossos prazeres compartilhando-os connosco!

Glorioso é o quadro da familia christã, e nessa tela a explender sombras e luzes, destaca-se a mulher, esse ente fraco, porém sensivel.

Sim, este ente que nos parece fraco resiste intrepido ás seduccões do torpe mundo, e transmite a seus filhos o tesouro que lhe confiou o esposo — a honra, e livra-os dessa vereda maldicta da vida, onde brota de continuo espinhos que lhes dilacerão o coração.

Ella agradaece o pesadissimo onus que o sacramento lhe impõe; arranca-se com o coração tranzido de saudades dos braços de sua mãe, para mais tarde em indisivel extases agradecer ao creador o filho que concebeu suas entranas, e ahi, com um amor grande como infinito, beija-o a lhe dizer — filho — e depois, quanta ternura, dedicação, sacrificio, vigilancia, abnegação, fragando-se com o doce balbuciar do infante que a estender-lhe os bracinhos diz-lhe — mãe!

As lagrimas de uma mãe são dignas de ser, em celestes vasos, apadradas pelos anjos!

Mais tarde (por exemplo) quando a virgem pallida, de funebre manto com seu sopro gelido, rouba-lhe no esposo parte de si mesmo, e o faz tombar no leito frio e dormir o sono que não tem despertar, ahi onde findão grandezas ephemeras, ahi, tumulo que encerra o pó que já foi vida, eis a pobre mãe e esposa trespassada pela mais cruenta afflição d'alma.

A mudez do sepulchro não advinha os segredos da eternidade, porém manda ás estrellas que equilibrão-se no espaço, no azul do firmamento, uma muda interrogação, enquanto a lagrima, esse sôro do coração da esposa, rega a flor, o funebre ornato da triste campa.

Vem o esquecimento, morte real que apaga do livro dos vivos mais um nome, porém ella não se esquece; conserva tudo nessa urna viva que se chama coração de esposa!

Mulher, palavra mystica que diz tudo quanto ha de grande, humano e divino; — amor, amisade, dedicação e caridade.

Tire-se ao homem, esse rei da natureza, a mãe, esposa, irmã, ou filha — que lhe fica? Desertos aridos onde não murmurão limpidas fontes, onde não perpassão auras ligeiras, e onde fogem bellos sentimentos com que Deos lhe enfeitou a alma!

Queridas leitoras, se eu fôra poeta entoava um hymno á mulher, não sou; mas direi: salve mulher, salve, magico espelho a refletir bellezas lá do céo, doce luz a guiar o peregrino da vida, ilha verdejante a oferecer sombras e repouso aos naufragos deste oceano de lagrimas — o mundo.

HENRIQUE TEIXEIRA.

— :: —

NO ALBUM DE UMA SENHORA

« O homem nasce, chora, mama, puxão-lhe as orelhas na escola, leva cacholetas, embação-no, casa mais embaçado fica, transforma-se em burro de carga, sustenta a familia, ouve berrar os pequenos, envelhece, limpão-lhe a boca, morre, enterrão-no, e fica de menos na sociedade um martyr e um pedaço d'asno. »

ESBOÇOS

IV

UM CATERETÊ

— Sinhá Chica, tentação,
vance vai dansá commigo ?
— Ora meu Deus, que castigo !
Seu Thomé, não quero, não.
— Fórmā gente, que o Simão
vai tocar. — Chi ! que perigo !
— O Zeca fórmā comsigo ?
— Silencio, povo, attenção !

E da viola um *chorado*
bem tremido e ponteado,
faz-se ouvir por mão de mestre.

E um febril sapateado
rompe em honra do noivado
de Rosinha com Silvestre.

JONJOCA BORÉ.

3.º eng.º hyp.º

— «O» —

Um chefe de concelho, por conveniencia da hygiene publica, affixou na porta do cemiterio esta ordem :

“ D'ora ávante só poderão enterrar-se aqui os mortos que vivão no concelho. ”

— :: —

O CASO DOS COMPADRES

— Comadre Euphemia, bom dia !
— Bom dia, compadre Braz !
— Que arranjos... temos folia ?
— Não sabe ? casa o rapaz...
— O que me conta, comadre,
pois, casa o nosso Thomaz ?
— Negocios do seu compadre,
mais do sôr juiz de paz.
— Seu homem perdeu a bola...
— Lá isso — não é capaz...
— Como não ? se um criançola
vai casar ?
— Isso o que traz ?
— Traz desgraça... uma criança,
queinda não mede o que faz...
— Mas, a noiva traz *pitança*...
— Mas, falta idade a Thomaz...
e uma criança não sabe,
não pensa...
— Comadre Braz,
se o rapaz pensar...
— Acabe...
— Não casa nunca o rapaz...
— E' como conta, comadre.
— O caso é este, compadre.

BRUNO SEABRA.

CARRIS-LITTERARIOS

ORAÇÃO DE UM INGLEZ

« Senhor meu Jesus Christo, tu sabes que eu posso nove casas em Londres e uma fazenda no condado da Essex, preservai-as, Deus meu, de incendios e tremores de terra. Dignai-vos tambem olhar com olhos de compaixão para o condado de Hertforsisi, onde existem algumas bens a mim hypothecados. Em quanto aos mais condados, onde nada posso, podes fazer o que bem te parecer.

Senhor, consolidai com o teu infinito poder o Banco de Inglaterra.

Inoculai no espirito dos meus credores a bondade, para que elles sejam honrados e se compadeção de mim.

Peço-te tambem que olheis para os meus amigos afim de não se arruinarem e virem depois pedir-me dinheiro emprestado.

Finalmente, livrai-me dos ladrões e dos criados que têm affeição aos bens alheios, *amen !* »

— <><> —

CHARADAS, ETC.

A decifração das do n. 47, é : *Excellente, cadeado, marmita, Salazar e Carangola.*

Para hoje temos as seguintes :



1, 1, 2 — Atraz da base arde outra vez.



ENIGMA TYPOGRAPHICO

6+5+0 500+0 Q 100+0+1000+0

VIA-PILHERICA

HISTORIA ANTIGA

XXXV

Rabelais, quando na Grecia dizia missa aos domingos, piscava o olho a Lucrecia, a meiga virgem dos Gringos ; Machabeo, pai da donzella, descobrindo a velhacada, deu bastante sapatada tanto nelle como nella.

JOHN BAPTATIS

1º eng.º hyp.º

TABOLETA INDICADORA

MEDICOS

Dr. Lucindo Filho — R. do Visconde de Araxá n. 6.

Dr. Alberto Leite — R. do Visconde de Araxá n. 9.

Dr. Paulino G. da Costa — R. do Visconde de Araxá n. 19.

Dr. Fernando Sardinha — R. do Visconde de Araxá n. 18.

Dr. Joaquim C. de Figueiredo — Estação de Vassouras.

Dr. Antonio C. de Macedo — Sacra-Família do Tinguá.

Dr. Augusto de Paiva M. Calvet — Massambará.

PHARMACIA

Imperial Pharmacia Manso Sayão.

J. J. Manso Sayão — R. do Barão de Vassouras n. 57.

JUIZ MUNICIPAL

Dr. Rodolfo Leite Ribeiro — R. do Visconde de Araxá n. 9.

PROMOTOR

Dr. J. de Avellar Fernandes — R. Caetano Furquim n. 19.

ADVOGADOS

Dr. José de Paiva M. Calvet — R. Caetano Furquim n. 23 ; das 10 às 3 horas da tarde. (Delegado.)

Dr. Alexandre R. da S. Chaves — R. Caetano Furquim n. 21 ; das 10 às 3 horas da tarde.

Dr. Domingos de Almeida — R. do Barão de Vassouras n. 17.

Dr. Jacintho P. de Almeida — R. do Barão de Vassouras n. 17.

Dr. J. P. da Silveira Coelho — R. do Barão de Vassouras n. 36.

D. J. R. dos Santos Zamith — R. do Barão de Vassouras n. 13.

Dr. J. G. Ribeiro Leitão — R. do Barão de Vassouras n. 15.

Dr. J. Thomaz de Araujo — R. do Visconde de Araxá n. 16 ; delegado supplente.

Dr. Americo B. da Costa Moreira — R. do General Osorio n. 6.

SOLLICITADORES

Damaso da Fonseca Lima — R. Caetano Furquim n. 1, sobrado.

Luiz José de S. Sobrinho — R. Caetano Furquim n. 77.

TABELLIÄES

Francisco A. de Oliveira — R. do Barão de Vassouras n. 53.

Major R. do Espírito-Santo Fontenelle — R. do General Osorio n. 12.

COLLECTOR

Capitão F. de Sá Carvalho — R. do Barão do Tinguá n. 9 ; das 9 às 3 horas da tarde.